

KAROLYNA DE PAULA KOPPKE

## Academias de belas artes, crise e crítica em dois lados do Atlântico

*Fine Arts Academies, Crisis, and Criticism on Both Sides of the Atlantic*

*Academias de bellas artes, crisis y crítica a dos lados del Atlántico*

**Karolyna de Paula Koppke**

É arquiteta e urbanista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011), especialista em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014), mestra em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017) e doutoranda em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora assistente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Ibmecc RJ. Tem trabalhado no âmbito da história comparada, história global e histórias conectadas, com ênfase na formação de arquitetos e na escrita da história da arte e da arquitetura no Brasil e no México do século XIX.

*Is an architect and urban planner from the Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011), a specialist in History of Art and Architecture in Brazil from the Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014), a master in Built Environment and Sustainable Heritage from the Universidade Federal de Minas Gerais (2017) and a PhD candidate in Architecture at the Universidade Federal do Rio de Janeiro. She is an assistant professor in the Architecture and Urban Planning course at the Centro Universitário Ibmecc RJ. She has worked in comparative history, global history, and connected histories, emphasizing the training of architects and the writing of the history of art and architecture in 19th-century Brazil and Mexico.*

*Es arquitecta y urbanista de la Universidad Federal do Rio de Janeiro (2011), especialista en Historia del Arte y de la Arquitectura en Brasil de la Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014), máster en Ambiente Construído y Patrimonio Sostenible de la Universidade Federal de Minas Gerais (2017) y estudiante de Doctorado en Arquitectura en la Universidad Federal do Rio de Janeiro. Es profesora asistente del curso de Arquitectura y Urbanismo del Centro Universitário Ibmecc RJ. Ha trabajado en el ámbito de la historia comparada, la historia global y las historias conectadas, con énfasis en la formación de arquitectos y la escritura de la historia del arte y la arquitectura en Brasil y México en el siglo XIX.*

karolyna.koppke@fau.ufrj.br

### Resumo

No ano de 1854, dois textos críticos vêm a público em lados opostos do Atlântico. Entre um e outro, está a figura transatlântica de Francesco Saverio Cavallari (1810-1896), siciliano formado arquiteto a partir da prática em arqueologia. Em princípios do referido ano, Cavallari profere seu discurso inaugural como professor de arquitetura e engenharia na Regia Accademia di Brera. Discurso publicado, alguns meses mais tarde, na própria cidade de Milão, sob o título *Lezioni sull'architettura*. Dias depois da exposição pública, o historiador Pier Ambrogio Curti (1819-1899) publica-lhe violenta crítica na revista *Giornale dell'Ingegnere-Architetto ed Agronomo*. Quase simultaneamente, do lado oposto do Atlântico, o arquiteto espanhol Lorenzo de la Hidalga (1810-1872) envia uma carta aos editores da revista mexicana *El siglo diez y nueve*, solicitando-lhes a publicação de suas considerações acerca da exposição da Academia de San Carlos daquele ano, em que tece duras críticas ao ensino de arquitetura ofertado pelo estabelecimento. É, portanto, em uma conjuntura de crise do ensino acadêmico – na Itália, no México e em todo o mundo ocidental ou ocidentalizado onde se instauraram instituições para o ensino das belas artes – que Saverio Cavallari atravessa o Atlântico para reformar a educação dos arquitetos e instaurar o ensino de engenharia civil na academia de belas artes da Cidade do México. Apoiados na proposta das histórias conectadas, buscaremos aqui analisar o papel da nascente crítica ao ensino de arquitetura na pavimentação do caminho em direção a uma “modernidade” que se parece construir, ao mesmo tempo, em ambos os lados do Atlântico.

**Palavras-chave:** Ensino de arquitetura. Século XIX. Francesco Saverio Cavallari. Regia Accademia di Brera. Academia de San Carlos.

### Abstract

In 1854, two critical texts were published on the opposite sides of the Atlantic. Between one and the other was the transatlantic figure of Francesco Saverio Cavallari (1810-1896), a Sicilian architect trained through the practice of archaeology. At the beginning of that year, Cavallari gave his inaugural speech as a professor of architecture and engineering at the Regia Accademia di Brera. The speech was published a few months later under the title *Lezioni sull'architettura*. Days after his public exhibition, the historian Pier Ambrogio Curti (1819-1899) published a violent critique of it in the *Giornale dell'Ingegnere-Architetto ed Agronomo*. Almost simultaneously, on the opposite side of the Atlantic, the Spanish architect Lorenzo de la Hidalga (1810-1872) sent a letter to the editors of the Mexican magazine *El siglo diez y nueve*, asking them to publish his considerations about the exhibition of the Academia de San Carlos that year, in which he harshly criticized the architectural education offered by the institution. It was, therefore, at a time of crisis in academic education – in Italy, Mexico, and throughout the Western or Westernized world where institutions for teaching fine arts have been organized – that Saverio Cavallari crossed the Atlantic to reform the education of architects and establish the teaching of civil engineering at the academy of fine arts in Mexico City. Based on the proposal of connected histories, we will seek to analyze the role of the emerging criticism of architectural education in paving the way towards a “modernity” that seemed to be constructed simultaneously on both sides of the Atlantic.

**Keywords:** Architecture education. Nineteenth century. Francesco Saverio Cavallari. Regia Accademia di Brera. Academia de San Carlos.

### Resumen

En 1854 se publicaron dos textos críticos en lados opuestos del Atlántico. Entre uno y otro, está la figura transatlántica de Francesco Saverio Cavallari (1810-1896), un arquitecto siciliano formado en el ejercicio de la arqueología. A principios de aquel año, Cavallari pronunció su discurso inaugural como profesor de arquitectura e ingeniería en la Regia Accademia di Brera. Discurso publicado, pocos meses más tarde, en la propia ciudad de Milán, bajo el título *Lezioni sull'architettura*. Días después de la exposición pública, el historiador Pier Ambrogio Curti (1819-1899) publicó una violenta crítica en la revista *Giornale dell'Ingegnere-Architetto ed Agronomo*. Casi simultáneamente, al otro lado del Atlántico, el arquitecto español Lorenzo de la Hidalga (1810-1872) envió una carta a los editores de la revista mexicana *El siglo diez y nueve*, pidiéndoles que publicaran sus consideraciones sobre la exposición en la Academia de San Carlos de ese año, en el que criticó duramente la enseñanza de arquitectura que ofrecía el establecimiento. Es, por tanto, en un momento de crisis de la educación académica –en Italia, México y en todo el mundo occidental u occidentalizado donde se han creado instituciones para la enseñanza de las bellas artes– que Saverio Cavallari cruza el Atlántico para reformar la educación de los arquitectos y establece la enseñanza de ingeniería civil en la academia de bellas artes de la Ciudad de México. Apoyados en la propuesta de las historias conectadas, buscaremos aquí analizar el papel de la naciente crítica a la enseñanza de la arquitectura en la preparación del camino hacia una “modernidad” que parece construirse, al mismo tiempo, a ambos lados del Atlántico.

**Palabras clave:** Enseñanza de arquitectura. Siglo XIX. Francesco Saverio Cavallari. Regia Accademia di Brera. Academia de San Carlos.

## Sobre nuvens e travessias

Em maio de 2024, tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho da jovem artista visual sino-mexicana Chantal Peñalosa Fong (1987) através da exposição individual *Otros cuentos fantasmas* [“Outros contos fantasmas”], em exibição no Museu do Amparo, na cidade mexicana de Puebla<sup>1</sup>. Nessa mostra, de viés notadamente autobiográfico, a artista, nascida no Norte do México, explora a fronteira como lugar de interstício, provocador e portador de exílios, traumas e feridas. As imagens que apresenta, trabalhadas a partir da estratégia da repetição, pretendem provocar, naquele que as observa, um deslocamento crítico em relação ao lugar da fronteira no mundo contemporâneo. Nessas imagens, estão refletidas suas experiências enquanto habitante do complexo limite que separa – e liga – México e Estados Unidos, mas também o trauma doloroso de seus antepassados chineses, que alcançaram o México em finais do século XIX para atuar como mão de obra na agricultura e na indústria, tornando-se, no jovem país americano, vítimas de xenofobia e racismo.

Dentre as obras expostas, a que mais nos chamou a atenção foi um conjunto de fotografias resultantes do olhar dispensado a uma nuvem teimosamente fronteiriça [1]. Tais imagens assim aparecem descritas no catálogo:

*La artista tomó una fotografía a una nube que pasaba sobre el cielo de Tecate, Baja California, en México. Después, cruzó la frontera para volver a fotografiar la misma nube desde el cielo de Tecate, en California, Estados Unidos. Las imágenes están enmarcadas con la ubicación y la hora en que se realizó cada fotografía. El lapso de tiempo transcurrido entre cada una de las tomas hace visible un sutil cambio en el movimiento de las formaciones de nubes.*

*En este diálogo poético, la artista alude a la complejidad, la fragilidad y porosidad de las fronteras geográficas, en especial la que atraviesa de manera tan dramática México y Estados Unidos.<sup>2</sup> (FONG, 2024, p. 6)*

Assim, o trabalho de Peñalosa Fong pareceu-nos um convite a pensar os fenômenos complexos que são os exílios ou os marcadores geográficos ambíguos que são as fronteiras. Neles, dissolvem-se certezas e concretizam-se angústias, a partir de um constante remodelamento de si e de visões de mundo estabelecidas, que se vai dando através de encontros – desejados ou forçados –, de trocas e negociações praticadas entre sujeitos. Entendemos possível pensar o exercício historiográfico a partir das provocações poéticas da artista sino-mexicana. Em um mundo que exige do historiador um agir despido, o quanto possível, das concepções apriorísticas e dicotômicas a partir das quais se tem, tradicionalmente, produzido conhecimento acerca da experiência dos homens no tempo, convém distanciar-se de uma ação historiográfica apoiada nos limites político-administrativos e nas predeterminações socioculturais que eles encerram, de maneira a ultrapassar noções como “transferência cultural”, “ressonância” ou “influência”. Serge Gruzinski<sup>3</sup> (2001) recorda a centralidade dos

1 Realizada entre 17 de fevereiro e 10 de junho de 2024, sob a curadoria de Virginia Roy.

2 “A artista tomou uma fotografia de uma nuvem que passava sobre o céu de Tecate, Baja Califórnia, México. Depois, cruzou a fronteira para voltar a fotografar a mesma nuvem desde o céu de Tecate, Califórnia, Estados Unidos. As imagens estão marcadas com a localização e a hora em que se realizou cada fotografia. O lapso de tempo transcurrido entre cada uma das tomadas torna visível uma mudança sutil no movimento das formações de nuvens.

Nesse diálogo poético, a artista alude à complexidade, à fragilidade e porosidade das fronteiras geográficas, em especial a que atravessa de maneira tão dramática México e Estados Unidos.” (Tradução livre da autora)

3 Serge Gruzinski (1949) é um historiador francês cujas pesquisas têm por foco questões latino-americanas, com ênfase no Brasil e, sobretudo, no México, onde trabalha a imagem mestiça e o ingresso do país na modernidade. É professor na École des hautes études en sciences sociales (EHESS) e diretor de pesquisas no Centre national de la recherche scientifique (CNRS).

“passeurs” – palavra que poderíamos traduzir como “transportador” ou “carregador” –, que mediam diferentes grupos e sociedades e que, ao circularem entre vários continentes, carregam em si as condições de estabelecimento de conexões. Segundo o Kapil Raj<sup>4</sup>, é preciso “[...] que por circulação não entendamos a ‘disseminação’, ‘transmissão’, ou ‘comunicação’ de ideias, mas os processos de encontro, poder e resistência, negociação e reconfiguração que ocorrem em interações entre culturas.” (RAJ, 2015, p. 170). Assim, as chamadas histórias conectadas concentram-se sobre a maneira como os fenômenos circulam entre as fronteiras, rastreando as redes de intercâmbio que, não raro, extrapolam os limites, naturais ou artificiais, que definem nações, subcontinentes ou continentes inteiros. Isso não significa dizer que se desconsiderem os processos nacionais. A abordagem não tem a pretensão de ser homogeneizante, na esteira dos discursos globalizantes. O que há é uma complexificação no tratamento dos fenômenos associados à nação, sobretudo ali onde ela se dissolve, isto é, nas situações de fronteira ou nas zonas de maior cosmopolitismo.

Nesse sentido, propomos tomar por esteio a travessia transatlântica empreendida pelo arquiteto e professor siciliano Francesco Saverio Cavallari (1810-1896) – aqui convertido em nosso “passeur” – para compreender os movimentos de crítica ao ensino de arquitetura em meados do século XIX. Naquele momento, as novidades tecnológicas disponibilizadas a partir, sobretudo, da segunda onda da Revolução Industrial, exigiam, das academias de belas artes, uma revisão da formação do arquiteto. Foi assim em Madrid, Santiago do Chile, Veneza, Milão, Rio de Janeiro, Cidade do México, Paris ou Roma, para citar brevemente alguns exemplos. Estamos diante de uma condição de crise, que se vai refletir e moldar, também, através dos textos de crítica ao ensino publicados em periódicos especializados ou mesmo voltados a um público leigo. Assim, amparados pela proposta das histórias conectadas, buscaremos analisar o papel dessa nascente crítica na pavimentação do caminho em direção a uma “modernidade” que parece construir-se, simultaneamente, em ambos os lados do Atlântico. Para isso, organizamos o texto em três seções. Na primeira, intitulada *As “Lezioni” na Accademia di Brera*, apresentamos o discurso de Cavallari e a conjuntura em que foi proferido. Em *Considerações sobre um “discorso disgraziato”*, analisamos a crítica de Pier Ambrogio Curti (1819-1899) à preleção do professor siciliano. *Uma exposição na Academia de San Carlos* é a seção em que discorreremos sobre a situação de crise em que se encontrava a academia de belas artes mexicana retomando as palavras de Lorenzo de la Hidalga (1810-1872). Por fim, em *Crise, crítica e a experiência americana*, tecemos breves considerações acerca do papel da crítica do ensino nos processos de construção de uma prática arquitetônica moderna, assentada, sobretudo, em uma relação nova com o passado e a história.



FIGURA 1 - Chantal Peñalosa Fong, *Sem título*, 2023, injeção de tinta em papel fotográfico, série de 10 dípticos.

Fonte: FONG, 2024, p.7.

<sup>4</sup> Kapil Raj tem formação de base em matemática e filosofia, tendo-se especializado em história da ciência, disciplina que leciona na EHESS. Suas pesquisas estão dedicadas à circulação e à construção de conhecimentos nos contatos entre a Ásia meridional e a Europa ocidental entre os séculos XVII e XX.

## As “Lezioni” na Accademia di Brera

O ano é 1854. Nele, dois textos críticos vêm a público em lados opostos do Atlântico. Entre um e outro, a figura transatlântica de Francesco Saverio Cavallari. Em princípios do referido ano, esse arqueólogo e arquiteto siciliano profere seu discurso inaugural como professor titular da cátedra de *Architettura e di perfezionamento degli ingegneri* na Regia Accademia di Brera, em Milão, publicado alguns meses mais tarde na mesma cidade sob o título *Lezioni sull’architettura* [“Lições sobre arquitetura”]. Chegara ali bem recomendado, com a incumbência, que lhe havia atribuído o governo austríaco, de reformar o ensino, considerado demasiado conservador (COSENTINO, 2007). Dias depois de sua exposição pública, o historiador Pier Ambrogio Curti publica-lhe violenta crítica na revista *Giornale dell’Ingegnere-Architetto ed Agronomo*.

Quase simultaneamente, do lado oposto do Atlântico, o arquiteto espanhol Lorenzo de la Hidalga envia uma carta aos editores da revista mexicana *El siglo diez y nueve*, solicitando-lhes a publicação de suas considerações acerca da exposição pública da Academia de belas artes de San Carlos daquele ano. O texto acaba por ser impresso, no mês de fevereiro, nas páginas da revista *La verdad*. Nele, o autor denuncia que, se quase todos os periódicos da capital haviam elogiado os progressos alcançados pela instituição nas diversas cadeiras, um profundo silêncio atingia o ensino de arquitetura. Ao que parece, no universo da crítica jornalística, evitava-se comentar sobre a triste impressão deixada pelos planos e desenhos expostos na sala destinada à disciplina, talvez por receio de diminuir-se o entusiasmo que então provocavam no público os demais ramos de ensino, que haviam sido, recentemente, objeto de reforma<sup>5</sup>. É assim que Hidalga toma a tarefa para si, com o intuito de orientar a comissão diretora da Academia na melhora da qualidade da formação dos futuros arquitetos, de maneira a equipará-la ao nível de desenvolvimento em que se encontravam as demais disciplinas.

As *Lezioni* [2], um folheto composto por apenas dezesseis páginas, devem ser tomadas enquanto material teórico-crítico de reflexão sobre o fazer arquitetônico de seu tempo e, conseqüentemente, sobre as premissas a considerar para o ensino acadêmico. Logo nos primeiros momentos da preleção, Cavallari recorda serem os italianos acusados, pelo que denomina “Europa civilizzata” (1854, p. 4), de privilegiar os modelos herdados da Antiguidade em detrimento dos exemplares pertencentes a outros períodos históricos cujos vestígios estivessem ainda disponíveis no território peninsular: “Noi siamo accusati [...] che indifferenti sono per noi i pinacoli della magnifica marmorea cattedrale d’Italia, ed i monumenti lombardi, le cupole dorate della regina delle lagune, dell’Adriatico e della Sicilia.”<sup>6</sup> (CAVALLARI, 1854, p. 4). A então chamada arte ogival e os monumentos bizantinos seriam desprezados na Itália porque haviam sido para ali trazidos por povos de origem estrangeira.

5 Um movimento reformador abrangente é iniciado em San Carlos a partir do ano de 1843, quando o país se encontrava sob o governo conservador do general Antonio López de Santa Anna (1794-1876). A 2 de outubro daquele ano, promulgou-se decreto de reorganização da instituição, que passaria agora a contar, para seu funcionamento, com os fundos da Loteria Nacional (MÉXICO, 1876). Essa condição de maior folga em termos financeiros permitiu a contratação de uma série de professores europeus: em 1846, os catalães Pelegrín Clavé y Roque (1811-1880) e Manuel Vilar y Roca (1812-1860) passam a conduzir, respectivamente, os cursos de pintura e escultura. Em 1847, o medalhista inglês John James Bagally (?-?) assume a direção de *grabado en hueco*, isto é, o ofício de fazer matrizes de fundição. Em 1854, o também inglês George August Periam (?-?) se torna responsável pela aula de gravura. No mesmo ano, o italiano Eugenio Landesio (1810-1879) passa a conduzir a cadeira de pintura de paisagem e, finalmente, em princípios de 1857, chega Saverio Cavallari, para ensinar arquitetura.

6 “Somos acusados [...] de que nos são indiferentes os pináculos da magnífica catedral de mármore da Itália e os monumentos da Lombardia, as cúpulas douradas da rainha das lagoas, do Adriático e da Sicília.” (Tradução livre da autora)

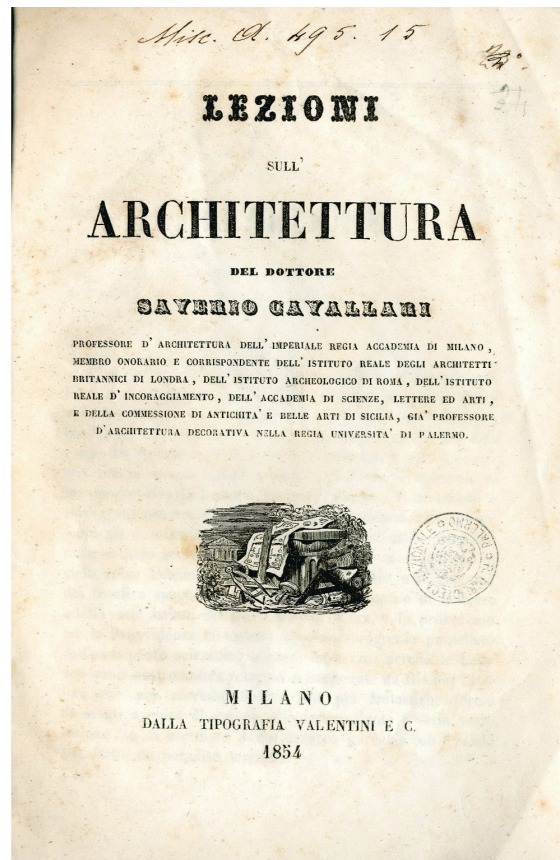


FIGURA 2 – Francesco Saverio Cavallari, *Lezioni sull'architettura del dottore Saverio Cavallari*, 1854..

Fonte: CAVALLARI, 1854, capa. Acervo da Biblioteca centrale della Regione siciliana. Localização MISC. A.495.15; inventário 000287037/1v.

Os métodos acadêmicos tradicionais são colocados em xeque: o professor rechaça fórmulas fixas e aponta o caminho que considera mais seguro para a formação do arquiteto. Propõe conduzir os jovens através, de um lado, da observação da natureza e das leis que a regem e, de outro, do estudo dos “[...] monumenti di tutte le epoche e di tutti i popoli [...]”<sup>7</sup> (1854, p. 5), atentando para os componentes e condições que os produziram, sem pretender uma transposição direta entre passado e presente. Entende que, apesar da centralidade dos conhecimentos científicos para a prática arquitetônica, eles são, antes do mais, meios e não a arquitetura ela mesma.

Assim, na concepção de Cavallari, as artes e as ciências deveriam trabalhar em concomitância para a obtenção das formas harmoniosas e belas e das proporções adequadas. A beleza seria alcançada através do uso comedido da fantasia e da imaginação, apoiado na observação da natureza. A arquitetura produzida no medievo é, então, estímulo, porque desvinculada das reminiscências clássicas e produto de uma sociedade nova. Permitia, assim, que um novo campo de criação e fantasia estivesse disponível ao artista. Noções como “ignorância” e “barbárie” são deliberadamente afastadas da interpretação do período<sup>8</sup>. A natureza é tomada, simultaneamente, como modelo e potência criativa:

<sup>7</sup> “[...] monumentos de todas as épocas e de todos os povos [...]” (Tradução livre da autora)

<sup>8</sup> Cavallari enfatiza por exemplo que, justo nessa época, os artistas estavam empenhados em resolver problemas de estereotomia complexos, abrindo o campo que, a finais do século XVIII, conformaria a geometria descritiva, inventada, como se sabe, pelo matemático francês Gaspard Monge (1746-1818). Esse ramo da geometria foi fundamental ao desenvolvimento da engenharia e do desenho mecânico ao longo do século XIX, tendo Monge participado inclusive do processo de fundação da École Polytechnique.



*La natura ci ha prestato una infinità di elementi e di modelli ricchi e variati di forme, di colori, di attributi, di rappresentazioni, e di rapporti armoniosi che commuovono eminentemente i nostri sensi, attivano la potenza creatrice dell'uomo, ne soddisfano i bisogni, ne accrescono i godimenti, moltiplicano e combinano all'infinito i materiali rapporti riflessi sull'anima, con lo scopo determinato di ammirare e contemplare la perfezione del creato del quale fa parte.*<sup>9</sup> (CAVALLARI, 1854, p. 7)

Trata-se de criar, imaginar e não de copiar. Mas, note-se bem, criação “educata al gusto” (CAVALLARI, 1854, p. 8).

Apesar de reafirmar a superioridade dos gregos, a exposição do professor de Brera é atravessada por um relativismo que suspende certezas e verdades universais. Para ele, o mais importante da expressão arquitetônica encontrar-se-ia no estado moral e civilizacional de um povo, associado à sua história, religião, costumes e clima. À sua cultura, enfim, para mencionar palavra ainda não incorporada, de todo, aos vocabulários<sup>10</sup>.

## Considerações sobre um “discurso disgraziato”

Mas o “discurso disgraziato”, como o próprio Cavallari o qualifica<sup>11</sup>, despertaria a perseguição obstinada de acadêmicos conservadores e de membros de uma elite milanesa nacionalista empenhada em combater o domínio do império austro-húngaro<sup>12</sup>. Era justamente este o caso do escritor, historiador, jurista e político Pier Ambrogio Curti que, em sua crítica à exposição do professor siciliano [3A e 3B], revela as altas expectativas nele depositadas, porque ele viria, justamente, livrar a Academia de seus velhos preconceitos através da reforma preparada. Tomado, portanto, em alta conta, apesar de colocar-se, em última instância, enquanto agente do governo

9 “A natureza nos emprestou uma infinidade de elementos e modelos ricos e variados em formas, cores, atributos, representações e relações harmoniosas que eminentemente movem nossos sentidos, ativam o poder criativo do homem, satisfazem suas necessidades, aumentam seus prazeres, multiplicam e combinam ao infinito as relações materiais refletidas na alma, com o propósito determinado de admirar e contemplar a perfeição da criação da qual ele faz parte.” (Tradução livre da autora)

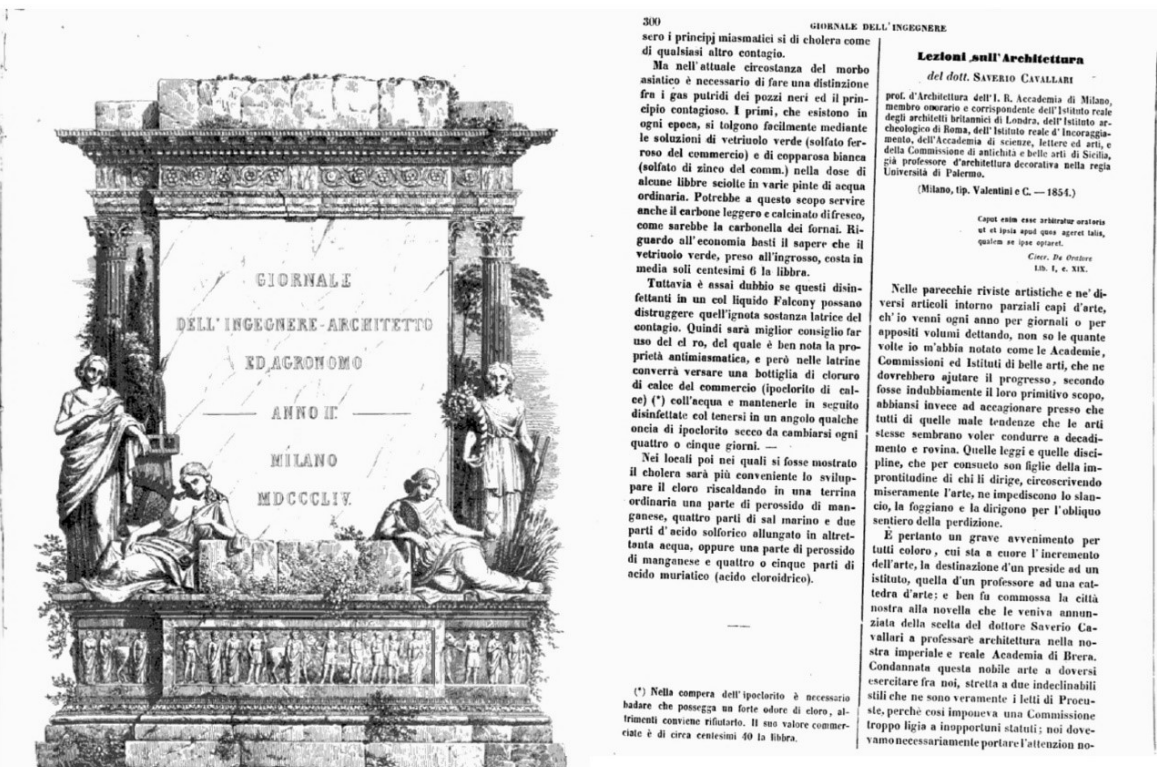
10 O antropólogo Roque de Barros Laraia (1932), em seu pequeno *Cultura: um conceito antropológico* (2006), publicado originalmente em 1986, ensina-nos que o conceito de “cultura”, com seu significado atual, foi pela primeira vez empregado pelo também antropólogo Edward Burnett Tylor (1832-1917), em 1871: “No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que ‘tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade’. Com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos.” (LARAIA, 2006, p. 25, itálicos no original)

11 Em carta escrita ao arabista Michele Amari, amigo de longa data, em Milão, a 16 de abril de 1855: “Mio caro ed antico Amico, Mi approfitto dell'opportunità di un mio amico e distintissimo scultore milanese Sig. Fraccaroli che recasi in Parigi per la esposizione per scrivervi due righe alle quali troverete annessi due esemplari del Discorso inaugurale da me letto all'Accademia di Belle Arti. Discorso disgraziato il quale mi fruttava una persecuzione ostinata dalla classe delle parrucche retrograde che si estese ancora in un giornale redatto da un nostro concittadino Giacinto Carini, *La Rivista Italiana*.” Revela-se, assim, a circulação do discurso ainda por outros periódicos, inclusive fora da Itália. A carta está integralmente transcrita em COSENTINO, 2012, p. 65-66.

12 A Lombardia e o Vêneto passam a controle austríaco em 1815, quando da realização do Congresso de Viena. Os ímpetos nacionalistas manifestar-se-ão de maneira muito evidente nas chamadas *Cinque Giornate*, de 1848, mas a intenção final de unificação somente terá condições de avançar quando, em 1859, a Áustria é retirada e a região passa ao domínio do reino da Sardenha. Aqui, encontramos indícios para compreender, ao menos em parte, a resistência, em Brera, à presença de Cavallari, que chega a Milão como servidor do governo austríaco em momento em que o pleito separatista está em pleno curso.

austríaco<sup>13</sup>, teria Cavallari decepcionado o crítico pela superficialidade e obviedade de seu discurso, que se teria dedicado mais a questões estéticas que propriamente arquitetônicas. Curti acusa Cavallari de apoiar seus ensinamentos no estudo dos monumentos antigos ao mesmo tempo em que demonstra excessiva deferência pelas formas ogivais e bizantinas, que, na concepção do crítico, seriam adequadas somente a certos tipos de edifícios e não a outros, aos quais dever-se-ia atribuir um gênero de arquitetura próprio ao “gusto nazionale” (CURTI, 1854, p. 303). O cerne de sua crítica, entretanto, é a veemente condenação, por parte de Cavallari, da arquitetura contemporânea. Curti recorre a artistas e obras de seu próprio tempo, procurando demonstrar as condições pouco propícias ao desenvolvimento artístico àquela altura:

**Non è vero quindi che noi siamo indifferenti ai pinacoli della magnifica marmorea cattedrale d'Italia, ai monumenti lombardi, alle cupole dorate della regina delle lagune dell'Adriatico, e della Sicilia: l'arte noi l'abbiamo sempre sentita; nè ci veniste voi primo, signor Cavallari, ad accenderne il sacro fuoco nel petto. E vi possiamo mostrare anche oggidì opere tali che attestino non mancar noi di buoni architetti, nè tendere a decadimento l'architettura fra noi, e che se molte di esse opere non trovarono applicazione, non fu certo l'effeto della nostra ignoranza, nè la colpa de' nostri artisti.**<sup>14</sup> (CURTI, 1854, p. 303, grifo nosso)



FIGURAS 3A e 3B - Pier Ambrogio Curti, *Lezioni sull'architettura del dott. Saverio Cavallari. Critica di P. A. Curti*, 1854.

Fonte: CURTI, 1854, capa e p. 300. Acervo da Emeroteca digital da Biblioteca Nazionale Braidense.

13 A associação entre Cavallari e o governo austríaco é explicitada logo no primeiro parágrafo do texto: “Penetrato dell’importanza della missione affidatami dall’eccelso I. R. Governo di S. M. I. A. [Sua Maestà l’Imperatore d’Austria] come professore d’Architettura di questa Accademia di belle arti, cercherò, per quanto le mie forze permetterò, di farmi degno dell’esimio corpo dei professori, e di utile alla scelta gioventù che interviene in questo santuario delle arti, [...]” (CAVALLARI, 1854, p. 3)

14 “Não é verdade, portanto, que sejamos indiferentes aos pináculos da magnífica catedral de mármore da Itália, aos monumentos da Lombardia, às cúpulas douradas da rainha das lagoas do Adriático e da Sicília: sempre tivemos sensibilidade para a arte; e não foi preciso que o senhor viesse, Senhor Cavallari, para acender o fogo sagrado em nosso peito. E, ainda hoje, podemos mostrar-lhe obras que testemunham que não nos faltam bons arquitetos, nem que a arquitetura tende a decair entre nós, e que se muitas dessas obras não foram realizadas, certamente não foi efeito da nossa ignorância, nem culpa dos nossos artistas.” (Tradução livre da autora)

Para ele, o centro do problema, ignorado por Saverio Cavallari, estava no desempenho abusivo da profissão, de que cita vários exemplos. Encerra a análise tecendo duras críticas à qualidade formal do discurso – “Periodi lunghissimi di quasi pagine intere, dizioni contorte, stile e lingua infelici [...]”<sup>15</sup> (CURTI, 1854, p. 305) – com a clara intenção de desmoralizar o arquiteto siciliano diante do público especializado da revista<sup>16</sup>.

## Uma exposição anual na Academia de San Carlos

Quanto ao ensino de arquitetura em San Carlos, o espanhol Lorenzo de la Hidalga, na carta aberta enviada à revista *El siglo diez y nueve*<sup>17</sup> e publicada em *La verdad*<sup>18</sup>, entende que o equívoco estaria na confusão, por parte da junta administrativa do estabelecimento, entre os dois ramos que compunham a cadeira, isto é, aquele propriamente artístico e aquele científico ou referente à teoria da construção. Assim, o atraso na formação dos arquitetos seria justificado pelas dificuldades em se encontrar um bom professor, capaz de ensinar com competência os preceitos artísticos, uma vez que, no entender de Hidalga, a teoria da construção era mais fácil de ser aprendida. Sugere então contratar-se um arquiteto formado no estrangeiro – particularmente em Roma – e cuja trajetória lhe habilitasse a formar, em suas palavras, “un verdadero artista” (DE LA HIDALGA, 1997, p. 362).

Gabriela Cianciollo Cosentino (2007) posiciona Hidalga como a voz de maior autoridade em matéria de arquitetura no México do período. Israel Katzman (1973) informa-nos ter ele alcançado o México em 1838. No país, ocupou as posições de *académico de mérito* da Academia de San Carlos, professor de *arquitectura civil e hidráulica* no Colegio Militar e presidente da seção de Bellas Artes da Comisión científica, literária y artística de México. Dois de seus filhos foram arquitetos formados sob o currículo de Cavallari: Ignacio (1841-?) e Eusebio de la Hidalga y García (1845-1893). Eduardo Báez Macías (2009) recorda terem sido a Lorenzo de la Hidalga comissionadas as mais importantes empresas arquitetônicas durante o governo de Antonio López de Santa Anna, graças ao contato estabelecido, quando de sua estada em Paris na segunda metade dos anos de 1830, com personagens da envergadura de Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1914-1979) e Jean-Baptiste Rondelet (1743-1829). Rosa Aurora Baños López (2005) lembra-nos ainda de que, nessa mesma ocasião, ele trabalhara com Henri Labrouste (1801-1875).

Logo, tomada a sua própria experiência de formação, o espanhol defendia a presença de um professor que tivesse também sido educado em bancos europeus, conforme já se havia feito para as seções de pintura, dirigida por Pelegrín Clavé, e de escultura, conduzida por Manuel Vilar, ambos de origem catalã com passagem pela Accademia di San Luca.

É assim que o professor de Brera é convidado, pelo governo mexicano, a lecionar na

<sup>15</sup> “Períodos longuíssimos de páginas quase inteiras, dicção complicada, estilo e linguagem infelizes, [...]” (Tradução livre da autora)

<sup>16</sup> Encontramos poucas informações acerca do *Giornale dell’Ingegnere-Architetto ed Agronomo*. Cabe, porém, o registro de que a hemeroteca digital da Biblioteca Nazionale Braidense disponibiliza, em seu sítio eletrônico (<<http://emeroteca.braidense.it/>>) versões digitalizadas das edições do periódico publicadas entre os anos de 1853 e 1857.

<sup>17</sup> De cariz liberal e direcionada a público amplo, *El siglo diez y nueve* foi publicada diariamente entre os anos de 1841 e 1896, com diversos períodos de interrupção decorrentes da presença intercalada, no governo central, entre grupos conservadores e liberais.

<sup>18</sup> Não nos foi possível ainda encontrar informações sobre este periódico.

Cidade do México [4]<sup>19</sup>. Aceito o convite, deixa, entre decepção e esperança, o porto de Southhampton para chegar a Veracruz em finais de 1856<sup>20</sup>. Seu mais árduo desafio: construir, no novo país americano, a figura do engenheiro-arquiteto.

*A Milano io avea tentato lottando di allontanarmi dai precettisti e ricorrere alle fonti originali ed alla ricchezza e varietà dei nostri monumenti italiani che sono la gloria della nostra civiltà, ma quel mio proponimento solamente lo poteva attuare in america all'accademia di s. Carlos con la più bella collezione di fotografie e modelli, e sopra questi dava le lezioni.*<sup>21</sup> (Conforme transcrito em COSENTINO, 2012, p. 89)



FIGURA 4 - Buen-Abad y Cia, Galería de Arquitectura, 1897, papel albuminado, 15,2x22,9cm.

Fonte: Acervos Artísticos de la Facultad de Artes y Diseño, Antigua Academia de San Carlos. Número de inventário 08-667062.

Os quatro anos então previstos para a formação do arquiteto convertem-se em sete, sob a batuta do agora “Javier” Cavallari: o currículo que estabelece em 1857 compõe-se por um ano de estudos preparatórios e mais seis profissionais. A proposta de redesenho do currículo se dá diante da ausência, no país, de uma formação que preparasse profissionais para a construção de ferrovias, realização de obras em rios e portos e construção de pontes e canais. Interessante, entretanto, é notar que, entre as disciplinas incluídas no novo plano, estão: *Copia de monumentos de diferentes estilos, esto es, griegos, romanos, lombardos, bizantinos, venecianos, florentinos y góticos hasta el Renacimiento*, a ser ministrada no segundo ano profissional, e *Estética de las bellas Artes é historia de la arquitectura explicada con los monumentos*, pertencente ao quinto ano profissional, ambas as cadeiras sob a responsabilidade do próprio professor siciliano.

<sup>19</sup> É provável que parte dos desenhos e fotografias dispostos nas paredes da sala destinada à arquitetura na Academia de San Carlos, fotografada por Manuel Buen-Abad (?-?) a finais do século, tenha sido incorporada ao acervo da instituição por solicitação de Saverio Cavallari.

<sup>20</sup> O Archivo Histórico de la Facultad de Arquitectura da Universidad Nacional Autónoma de México reúne uma série de documentos referentes ao processo de contratação do novo professor de arquitetura. Do conjunto documental, ressaltamos as cartas trocadas entre o diretor de San Carlos, José Bernardo Couto (1803-1862), e o representante diplomático do México na Itália, Manuel Larráinzar (1809-1884). Sobre o tema, convém conferir a caixa 23, expediente 5463; caixa 26, expediente 5835; caixa 28, expediente 5935; caixa 31, expedientes 6152, 6153, 6154, 6155, 6156, 6157, 6158, 6159 e 6160; caixa 34, expediente 6324; caixa 43, expediente 6701; expediente 10232; e expediente 10357.

<sup>21</sup> “Em Milão, tentei lutar para me afastar dos preceptistas e recorrer às fontes originais e à riqueza e variedade de nossos monumentos italianos, que são a glória de nossa civilização, mas só poderia implementar esse meu propósito na América na Academia de S. Carlos com a mais bela coleção de fotografias e modelos e, a partir desta, dava as lições.” (Tradução livre da autora)

A experiência será, porém, interrompida prematuramente: a finais de 1867, sob o governo liberal de Benito Juárez (1806-1872), desfaz-se o novo currículo, separando-se as carreiras de engenheiro civil e arquiteto. A primeira passa à responsabilidade do Colegio de Minería, agora Escuela Nacional de Ingenieros. A segunda, por sua vez, continua a ser incumbência da Academia de San Carlos, então denominada Escuela Nacional de Bellas Artes. Trinta e três estudantes, no entanto, são graduados em conformidade com o plano de estudos estabelecido pela reforma, transformando-se em profissionais importantes no México de entre séculos e convertendo-se muitos deles, inclusive, em personagens centrais durante o regime porfirista.

## Crise, crítica e a experiência americana

O século em que viveu Cavallari consistiu, sobretudo em sua segunda metade, em período de grave crise, no Ocidente, da cultura arquitetônica, que passa então a situar-se no entroncamento entre passado e futuro. Crise que, evidentemente, vai-se refletir na formação do arquiteto. O cerne do problema: a disputa por campos de atuação com o engenheiro civil, profissional em sintonia com as possibilidades das novas técnicas construtivas e capaz, portanto, de atender mais adequadamente às demandas de uma sociedade em radical transformação. É assim que as academias de belas artes precisarão olhar para si e repensar seus métodos de ensino. Em muitas delas, o objetivo consistirá em aproximar arquitetura e indústria, promovendo reformas interessadas em familiarizar seus estudantes com as competências técnicas necessárias ao domínio da dimensão construtiva do fazer arquitetônico (PEVSNER, 2005).

Serão várias as instituições de ensino de belas artes que passarão por reformas a partir da década de 1840. Na academia brasileira, como se sabe, Manuel de Araújo Porto-alegre (1806-1879) ocupará a posição de diretor entre 1854 e 1857, ocasião em que implantará a chamada reforma Pedreira. Quando tratamos especificamente da formação do arquiteto, verificamos, por exemplo, que a Academia de San Fernando de Madrid passará por reforma em 1845, resultando na criação, no ano seguinte, da Escuela Especial de Arquitectura, exclusivamente dedicada à preparação daquele profissional. O primeiro diretor da instituição recém-criada será o arquiteto Juan Miguel Inclán Valdés (1774-1853), que se dedicou, em sua obra escrita, ao problema da história e, mais especificamente, da linguagem gótica. Na Itália, a partir de 1849, Pietro Selvatico Estense (1803-1880) assume a cadeira de *Estetica e Storia dell'Architettura* e promove uma revisão do ensino na Accademia di Belle Arti di Venezia. Em 1863, Viollet-le-Duc assume a cadeira de história da arte e estética e lidera, ao lado de Prosper Mérimée (1803-1870), uma reforma na École des beaux-arts. Na Accademia di Brera, Saverio Cavallari tentará reformar o ensino em 1854, como se viu. Seu deslocamento para o México nos aponta a centralidade da experiência americana para que propostas pedagógicas mais livres – no que concerne, sobretudo, à construção de uma outra relação com o passado – pudessem ser colocadas em prática.

Assim, a questão histórico-artística parece consistir em elemento fundamental nesses processos reformadores, como atestam os textos que aqui analisamos. Dessa forma, a nascente crítica ao ensino de arquitetura, difundida tanto em meios especializados quanto não especializados, pode ser útil à construção de uma leitura mais matizada de um momento em que muitos temas estão postos sobre a mesa, ao acrescentar uma outra camada de debates às discussões tradicionalmente encampadas pela literatura. Pode ajudar-nos, inclusive, a observar que a pavimentação do caminho em direção à chamada “modernidade” em arquitetura é fenômeno que acontece, a rigor, entre Europa e América – e não da Europa para a América.

Como as nuvens que viajavam entre a Tecate mexicana e a Tecate estadunidense nas fotografias de Chantal Peñalosa Fong, Saverio/"Javier" Cavallari transpôs fronteiras. E, nessa transposição, foi capaz de, simultaneamente, permanecer o mesmo e tomar outras formas. Na academia de belas artes do país americano, encontrou condições mais favoráveis que aquelas com as quais se havia deparado em Brera, conseguindo, portanto, pôr em prática suas ideias acerca da formação do arquiteto. Encontrou, sobretudo, a possibilidade de reconfigurar a história da disciplina a partir dos interesses de seu tempo, tomando-a, nas palavras de Reinhart Koselleck (2006), simultaneamente como "consciência" e "espaço de ação".

## Agradecimentos

O artigo deriva do projeto de tese intitulado *Cruzar o Atlântico e refazer o tempo: um estudo sobre o ensino de história para arquitetos em duas capitais americanas [1854-1864]*, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ) sob a orientação do professor doutor Gustavo Rocha-Peixoto e coorientação da professora doutora Priscilla Alves Peixoto. Aos dois professores, sou profundamente grata pelo cuidado, atenção e paciência com que me têm conduzido ao longo deste processo. O referido projeto foi contemplado com a bolsa de pesquisa Slicher van Bath de Jong Foundation, do Center for Latin American Research and Documentation (CEDLA), Universidade de Amsterdã, edição 2023. Agradeço ao generoso auxílio proporcionado pelo CEDLA, que me permitiu realizar uma estada de investigação no México necessária ao levantamento de documentos fundamentais ao desenvolvimento da investigação.

## Referências

CAVALLARI, Francesco Saverio. **Lezioni sull'Architettura del dottore Saverio Cavallari**. Milano: dalla Tip. Valentini e C., 1854.

COSENTINO, Gabriella Cianciolo. **Francesco Saverio Cavallari (1810-1896)**. Architetto senza frontiere tra Sicilia, Germania e Messico. Palermo: Edizioni Caracol, 2007.

COSENTINO, Gabriella Cianciolo. **L'architetto e l'arabista**. Un carteggio inedito: lettere di Francesco Saverio Cavallari a Michele Amari (1843-1889). Trascrizione e note di Giuseppina Sinagra. Palermo: Assessorato dei Beni culturali e dell'Identità siciliana: Dipartimento dei Beni culturali e dell'Identità siciliana, 2012. Disponível em : <[http://docbcrs.bibliotecaregionalepalermo.it/Carteggio\\_Cavallari\\_Amari.pdf](http://docbcrs.bibliotecaregionalepalermo.it/Carteggio_Cavallari_Amari.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CURTI, Pier Ambrogio. "Lezioni sull'architettura del dott. Saverio Cavallari. Critica di P. A. Curti". **Giornale dell'Ingegnere-Architetto ed Agronomo**. Milano: Saldini, v. II, dic. 1854. p. 300-305. Disponível em: <[http://emeroteca.braidense.it/eva/sfoggia\\_articolo.php?IDTestata=121&CodScheda=217&CodVolume=2658&CodFascicolo=18084&CodArticolo=323776](http://emeroteca.braidense.it/eva/sfoggia_articolo.php?IDTestata=121&CodScheda=217&CodVolume=2658&CodFascicolo=18084&CodArticolo=323776)>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DE LA HIDALGA, Lorenzo. Arquitectura. In: PRAMPOLINI, Ida Rodríguez. **La crítica de arte en México en el siglo XIX**. Estudios y documentos I (1810-1850). México, D. F. : Universidad Nacional Autónoma de México; Instituto de Investigaciones Estéticas, 1997. t. I. p. 360-363.

FONG, Chantal Peñalosa. **Otros cuentos fantasmas**. Puebla: [s.n.], 2024. 37 p. Catálogo de exposição, 17 fev.-10 jun. 2024, Museo de Amparo. Disponível em: <<https://museoamparo.com/exposiciones/piezas/280/chantal-penalosa-fong-otros-cuentos-fantasmas>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GRUZINSKI, Serge. "Les mondes mêlés de la Monarchie catholique et autres 'connected histories'," **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, Paris, 56e. année, n. 1, p. 85-117, 2001. DOI: <<https://doi.org/10.3406/ahess.2001.279935>>. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/Annales-histoire-sciences-sociales/article/abs/les-mondes-meles-de-la-monarchie-catholique-et-autres-connected-histories/677280D39DB0769B66EBD2DA698CDE04>>. Acesso em: 3 dez. 2024.

KATZMAN, Israel. **Arquitectura del siglo XIX en México**. Ciudad de México, D.F.: Centro de Investigaciones Arquitectónicas. Universidad Nacional Autónoma de México, 1973. Tomo I.

KOSSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. [Original de 1979].

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. [Original de 1986].

LÓPEZ, Rosa Aurora Baños. **Formación Académica y obra arquitectónica de los ingenieros-arquitectos (AASC) y de los ingenieros civiles (ENI) en la Ciudad de México (1857-1910)**. 2005. 513 f. (Doctorado en Historia del Arte) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México, 2005.

MÁCIAS, Eduardo Báez. **Historia de la Escuela Nacional de Bellas Artes (Antigua Academia de San Carlos)**. 1781-1910. México: UNAM, Escuela Nacional de Artes Plásticas, 2009.

MÉXICO. Decreto n.º. 2725, de 16 de diciembre de 1843. Se asigna á la Academia de San Carlos, la renta de la lotería. In: DUBLAN, Manuel; LOZANO, Jose Maria (Orgs.). **Legislacion mexicana ó coleccion completa de las disposiciones legislativas expedidas desde la independencia de la Republica**. México, D.F.: Imprenta del Comercio, a cargo de Dublan y Lozano, hijos, 1876, t. IV, p. 680. Disponível em: <[http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080042593\\_C/1080043032\\_T4/1080043032\\_T4.html](http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080042593_C/1080043032_T4/1080043032_T4.html)>. Acesso em: 3 dez. 2024.

PEVSNER, Nikolaus. **Academias de arte: passado e presente**. Tradução de Vera Maria Pereira. Coordenação de Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Coleção História social da arte). [Original de 1940].

RAJ, Kapil. Além do Pós-colonialismo... e Pós-positivismo. Circulação e a história global da ciência. Tradução de Juliana Freire. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 164-175, dez. 2015. DOI: <<http://dx.doi.org/10.12957/revmar.2015.20133>>. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/20133>>. Acesso em: 3 dez. 2024. [Original de 2013].

## RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvo o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

**Submetido em 20/11/2024**

**Aprovado em 05/12/2024**